



Webtelejornalismo no Paraná: O Telejornal Convencional no Ciberespaço¹

Willian Santos COSTA²

Neusa Maria AMARAL³

Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR

Resumo

O presente estudo verifica como o telejornalismo do Paraná se configura na Web. Focaliza a transposição de telejornais produzidos para a televisão convencional em páginas de Internet de duas emissoras paranaenses, a RPC TV e a TV Tarobá. Descreve e analisa a transposição das reportagens dos telejornais Paraná TV 1ª Edição, e O Jornal Tarobá 1ª Edição. Identifica e classifica os modelos virtuais utilizados pelas emissoras bem como acompanha os momentos e as mudanças da transposição dos elementos destes dois telejornais para o ciberespaço.

Palavras-chave: webtelejornalismo; Internet; ciberespaço; telejornalismo regional.

Introdução

O webtelejornalismo, ou seja, a transposição do telejornalismo convencional para o ambiente virtual da *Web*, é uma prática que vem aumentando conforme aumenta também o acesso global à grande rede mundial de computadores, que se configura, na prática, como uma diminuição considerável do número de telespectadores e do aumento real do número de internautas, ou seja, os dados indicam a migração do aparelho televisor para o aparelho monitor, por onde o internauta pode não somente assistir a vídeos, filmes e documentários, como também selecionar, armazenar e recuperar todo tipo de informação, o que ainda não acontece com a tevê convencional, uma vez que o processo digital anda está dando seus primeiros passos.

De acordo com o Comitê Gestor da Internet, somente no Brasil, 54 milhões de pessoas tiveram acesso à Rede Mundial de Computadores, até dezembro de 2008, de casa, do trabalho ou de locais públicos de acesso pago – *lanhouses*. (SANTOS, 2008, p. 23). Delas, 54% permanecem conectadas de uma a cinco horas por semana em todo o País. A região Sul se destaca por ser a que tem mais internautas (12%) conectados por

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista, bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Estadual de Londrina (e-mail: willian-costa@hotmail.com).

³ Jornalista, profa. Adjunto do Curso de Comunicação Social, da Universidade Estadual de Londrina e doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. End. Eletrônico: nmamamaral@uol.com.br.



mais de 31 horas semanais (Cresce o acesso às TICs, mas ainda é grande o desafio de democratizá-las a todos os brasileiros..., 2008, p. 46).

A transposição do telejornalismo da tevê para a *Web*

A disponibilização de telereportagens ou de telejornais e programas telejornalísticos inteiros na *Web* somente é possível com o surgimento e desenvolvimento das tecnologias digitais. Partindo da ideia de que se vive uma época de transformação da cultura material e massiva pela expansão tecnológica que permite à informação ser armazenada, recuperada, processada e transmitida, Castells (1999, p. 50) compara o momento, do auge da televisão, em meados da década de 1970, aos dias atuais, como sendo, “no mínimo, um evento histórico da mesma importância da Revolução Industrial do século XVIII, introduzindo um padrão de descontinuidade nas bases materiais da economia, sociedade e cultura” Assim como Derrida (2001, p. 40, grifo do autor), ressalta o fato de que o texto pôde ser também arquivado “de maneira dura e durável, para proteger as marcas do apagamento a fim de assim assegurar a salvação e *identidade*” a *Web* exerce função semelhante sobre o vídeo. Castells (1999, p. 51) ressalta ainda que este momento é marcado, não somente pela utilização das ferramentas de comunicação pré-determinadas, mas de sua transformação e de seu próprio desenvolvimento também pelos telespectadores, seus usuários

Hoje, vídeos inicialmente produzidos para o cinema e a televisão, são perfeitamente armazenados no ciberespaço, acessados por qualquer computador, e até produzidos para esta finalidade (AMARAL, 2004, p. 23). Reflexões sobre métodos de transferência de informação e comunicação influenciaram o estabelecimento das mídias analógicas e digitais e, especialmente, do ciberespaço – em toda a sua complexidade.

“Desde as primeiras emissões, a Televisão evoluiu muito enquanto técnica, enquanto tecnologia e enquanto linguagem, mas muito pouco enquanto conceito”, ressalta Amaral (2004, p. 37), ao explicar que os sistemas de teledifusão, ao contrário das tecnologias que dão suporte ao meio, sofreram poucas alterações desde o surgimento e a comercialização desta mídia. A tevê comercial massiva (*broadcasting*), de modo genérico, continua sendo um meio que praticamente restringe a participação do telespectador como “audiência cativa” (CASTELLS, 1999, p. 41). Assim, a tevê paga (*narrowcasting*) surgiu, inicialmente nos Estados Unidos, como alternativa às



transmissões abertas.

Paralelamente, em plena Guerra Fria, o Departamento de Defesa norte-americano, com o objetivo de interligar centros de pesquisa, desenvolve sua rede e a batiza de *Advanced Research Projects Agency - ARPA* (LEÃO, 2001, p. 22). A Rede Mundial, conhecida literalmente por seus três Ws, *World Wide Web*, seria desenvolvida somente em 1991, pelo pesquisador do CERN Tim Bernes-Lee (LEÃO, 2001, p. 23). A popularização do computador e a consolidação da *Web* como parte multimodal da Internet possibilitaram às emissoras formar seus primeiros sites. À medida que se aguçava o interesse na nova mídia, os conteúdos começaram a ser transpostos para o ambiente virtual.

Televisão via *Web*: o computador e a multimodalidade

A evolução de elementos como largura de banda, configuração de redes e equipamento e tecnologias de transmissão *streaming* permitiram disponibilizar cada vez mais material de vídeo no ciberespaço, levando ao surgimento de sites como o YouTube, que permite ao internauta acessar, assistir e recuperar vídeos de todos os gêneros e formatos. As duas maneiras mais comuns de acesso à tevê via *Web* são por *download* ou *streaming*. Por *download*, o internauta primeiro baixa o arquivo – copia da rede para o seu computador – e só depois o assiste. Logo, é importante considerar a finalidade do vídeo disponibilizado na *Web*, não só por uma questão de armazenamento, mas de acesso ao webtelespectador, que pode assistir de um local público, sem a necessidade de fazer uma cópia e (re)arquivar. A partir de 1995, iniciam-se pesquisas para a execução de mídia corrente, ou *media streaming*. Por este conceito, o arquivo vai sendo executado na medida em que é transferido para o computador. O vídeo hoje pode ser visto ao vivo ou de acordo com a vontade do webtelespecator, que pode acessar o conteúdo sob demanda ou *on demand*.

No que se refere à produção jornalística, a Internet se transforma no grande meio de publicação de informações somente a partir da Guerra do Kosovo, em 1999, com intensa participação, inclusive, do jornalismo brasileiro (MOHERDAUI, 2007, p. 33). Inevitavelmente, a procura por notícias durante todo o dia 11 de setembro de 2001 congestionou a rede e obrigou a maioria dos grandes portais a diminuir, em *bytes*, o tamanho das páginas acessadas, para facilitar o acesso. Fatos como estes incentivaram



os internautas à procura de mais conteúdo jornalístico na Rede (MOHERDAUI, 2007, p. 65-68). Este fato também impulsionou emissoras de tevê em todo o mundo a disponibilizarem seu sinal e seus conteúdos em seus sites, dando início ao que hoje podemos chamar de webteledifusão. Outras emissoras também foram criadas tendo o ciberespaço como suporte, dando início ao conceito de *CiberWebTV*, ou seja, tevês que utilizam apenas o ambiente virtual para transmitir seus conteúdos. Ao serem exibidos na rede, os vídeos são transferidos para o webtelespectador de acordo com a capacidade que, geralmente, o computador do internauta tem de baixar estes dados, em *bytes*. Esta capacidade de baixar determinada quantidade de *bytes* em determinado tempo é o que se denomina velocidade de conexão (AMARAL, 2004, p. 98).

No Brasil, as condições sócio-econômicas e o atraso tecnológico em relação a países que investem em pesquisas e desenvolvem tecnologia de ponta evidenciam um aproveitamento parcial das conexões em banda larga. A utilização deste suporte cresce de maneira acelerada, mesmo assim, os avanços são relativos. Um estudo realizado pelas universidades de Oviedo e Oxford, divulgado em setembro de 2008, aponta como ideais as velocidades de 3,75Mbps para download e 1Mbps para *upload*. A mesma pesquisa revela que apenas Japão, Holanda e Suécia superam em algum momento esses números (Velocidade de banda larga do Brasil fica em 38º lugar entre 42 países, 2008). Entre os 42 países estudados, o Brasil ocupa a 38ª posição. Estudo divulgado pela comScore World Metrix em janeiro de 2009 revela que os usuários de Internet no mundo ultrapassam o número de 1 bilhão de pessoas. De acordo com a pesquisa, o Brasil é o nono país do *ranking*, com 27,7 milhões de internautas (População mundial de internet ultrapassa 1 bilhão de pessoas, diz comScore, 2009). Segundo o Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI), 54 milhões de brasileiros tiveram acesso à Internet recentemente, sendo 24,5 milhões de internautas residenciais em dezembro de 2008 (Menos de um quinto das casas brasileiras têm internet, aponta NIC.br., 2009). A diferença deve-se ao fato de a comScore considerar apenas acessos feitos da residência ou do trabalho, enquanto o CGI considera acessos em locais públicos, como *lanhouses*, que corresponde a 47% do total (Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil..., 2009., p. 228).



WebTVs e CiberTVs: conceitos e modos

Embora o objeto deste estudo seja a *WebTV*, existem dois outros conceitos de televisão via *Web* cuja explicação se faz necessária. Num primeiro instante, a *WebTV* constituiu um sistema que permitia basicamente o contrário do que é feito hoje, ou seja, o acesso à Internet por meio da televisão. Ofereciam-se praticamente todos os serviços de acesso por meio de um aparelho conversor acoplado à televisão, mais barato que um computador, mas “também muito mais limitado; por não ter disco rígido (HD) não grava arquivos e portanto não permite imprimi-los, como também não baixa programas da rede” (AMARAL, 2004, p. 106).

Este trabalho considera, assim como Amaral (2004, p. 107), “*WebTV* a emissora de TV tradicional, independentemente do sistema, broad ou narrowcast, que disponibiliza o seu sinal também na Internet”.

Porém, outro conceito que se difunde no ciberespaço é o de *CiberWebTVs*, ou simplesmente *CiberTVs* as tevês produzidas exclusivamente no ciberespaço. Tanto na *Ciber* quanto na *WebTV*, editorias ou segmentos podem ser oferecidos separadamente como canais *pull*, que serão acessados de acordo com o interesse do webtelespectador (PINHO, 2003, P. 31-80). Segundo Ferreira (2006, p. 30), há poucas *CiberWebTVs* no Brasil. Destaca-se o pioneirismo da TV UOL, no ar com programação variada em *streaming* ao vivo ou sob demanda 24h por dia desde junho de 1997 e, três anos mais tarde, a TV Terra.

Por produzirem conteúdo exclusivamente para a Internet, as *CiberTVs* exploram melhor as possibilidades do meio, desenvolvendo uma linguagem videográfica mais adequada, com menos movimentos de câmera, elaborando um texto específico a internautas – não a telespectadores – e projetando melhor os espaços da página de Internet. Além disso, ressalta Amaral (2004, 178), os custos de produção, mesmo a produção de vídeos para as *CiberTVs*, são menores na Internet.

A adaptação de linguagens e formatos é bastante comum à história das mídias (LÉVY, 1999, p. 212). A multimodalidade da *Web* permite empregar à mesma notícia, ou seja, ao mesmo conteúdo, elementos diferentes. Na página da *Web*, onde o vídeo digitalizado é transmitido, é possível acrescentar informações que complementam a reportagem. Com o webtelejornalismo, que transpõe para a *Web* o mesmo conteúdo da tevê convencional, as mudanças são evidentes, embora a informação videográfica



permaneça a mesma. Um elemento característico da tevê convencional que é alterado graças às características únicas do ambiente virtual é a linearidade. No ambiente virtual, diferentemente do que acontece na mídia convencional, o internauta pode assistir às telereportagens de acordo com seu interesse e disponibilidade.

No telejornalismo da web, o fato das matérias serem disponibilizadas em um menu *on demand* (sob demanda), quebra a estrutura narrativa padrão do telejornalismo convencional, onde as matérias são disponibilizadas de acordo com critérios editoriais fechados: uma na seqüência da outra, e o telespectador assiste às matérias de acordo com a ordem pré-estabelecida por estes critérios, é a tal “ordem linear”; no webtelejornalismo o internauta-telespectador (webtelespectador) pode quebrar esta ordem e não levar em consideração a forma como as matérias são disponibilizadas no menu (AMARAL, 2007, p. 7).

Para as *WebTVs*, é interessante utilizar o texto como complemento do vídeo porque, mesmo as condições tecnológicas para que se assistam às notícias pelo computador tendo evoluído consideravelmente nos últimos anos, as dificuldades e as falhas na transmissão são evidentes (AMARAL, 2004, P. 77). Muitas vezes, a qualidade do vídeo assistido via *webcasting* ainda deixa a desejar. Segundo Teixeira (2003, p. 22), “continuou sendo mais confortável assistir ao Grande Prêmio de Fórmula I na frente da TV, com o balde de pipoca ao lado, do que tentar enxergar o que se passa no tremido vídeo que mal consegue chegar à próxima cena”.

O Telejornalismo do Paraná na Web

A pesquisa que deu origem a este artigo teve por objetivo verificar como o telejornalismo do Paraná se configura na *Web*. Descrever e analisar a inserção dos telejornais de duas redes regionais na Internet, bem como refletir sobre as potencialidades e adequações que a face multimodal da Rede, a *Web*, oferece ao telejornalismo.

Para descrever e analisar o telejornal regional transposto da televisão convencional para a Internet, foram definidos como objetos de pesquisa dois telejornais diários de temática variada, O Paraná TV 1ª Edição, e O Jornal Tarobá 1ª Edição. O Paraná TV 1ª Edição é transmitido na televisão convencional pela RPCTV e no ciberespaço pelo site da RPC. O Jornal Tarobá 1ª Edição é transmitido pela TV Tarobá



de Londrina e pelo site da emissora.

Optou-se por estudar esses dois telejornais porque, das emissoras do sistema convencional de teledifusão aberta paranaenses, a RPC TV e a TV Tarobá, foram as primeiras a utilizar a Internet e fazer do ciberespaço um meio de disponibilização de seu conteúdo.

RPC TV

Seguindo a política das Organizações Globo de publicar seus conteúdos televisuais na Rede, suas emissoras afiliadas também começaram a disponibilizar suas edições telejornalísticas na *Web*. No Paraná, a Rede Paranaense de Comunicação (RPC TV), afiliada à Globo, atinge um público aproximado de 10 milhões de pessoas, ou a quase totalidade da população do Estado estimada pelo IBGE em 2007. O grupo RPC também atua em mídias impressa e sonora. As emissoras afiliadas são a RPC – TV Paranaense (Curitiba), a RPC – TV Coroados (Londrina), a RPC – TV Cultura (Maringá), a RPC – TV Cataras (Foz do Iguaçu), a RPC – TV Oeste (Cascavel), a RPC – TV Esplanada (Ponta Grossa), a RPC – TV Guairaçá (Guarapuava) e a RPC – TV Imagem (Paranavai). Na *Web*, o Portal RPC, embora não se enquadre totalmente nos conceitos de portal observados por Teixeira (2002, p. 49-62), disponibiliza quase todo o conteúdo das outras mídias da rede, “além de informações em tempo real de tudo que acontece no Paraná, no Brasil e no mundo”.

TV Tarobá

Outra emissora que também disponibiliza suas reportagens na *Web* é a TV Tarobá, fundada em 1979 em Cascavel. A TV Tarobá de Londrina foi criada em 1996, transmitindo parte da programação em rede com a matriz de Cascavel. Mesmo retransmitindo a programação da Rede Bandeirantes de Televisão (FERNANDES JÚNIOR, 1994, p. 3-4), a TV Tarobá configura-se como uma “rede” regional independente, com políticas telejornalísticas dissociadas das políticas da Rede Bandeirantes. Diferentemente do que ocorre com a RPC, a TV Tarobá não se constitui um grupo de comunicação formado por veículos de mídias diferentes.



Paraná TV 1ª Edição e Jornal Tarobá 1ª Edição

Independentemente da qualidade tecnológica da transmissão via *Web*, é possível verificar a disposição das emissoras em disponibilizar suas principais edições jornalísticas na Rede. Para verificar como é feita essa disponibilização e como as informações televideográficas se configuram no ambiente virtual, o presente trabalho elencou como objeto de estudo os telejornais Paraná TV 1ª Edição e Jornal Tarobá 1ª Edição, produzidos para a tevê convencional e disponíveis no ciberespaço.

O Paraná TV 1ª Edição, ou simplesmente Paraná TV, é transmitido pela RPC TV de segunda-feira a sábado, das 12h às 12h45 e dividido em quatro blocos, um local, e três transmitidos para toda a rede, formada por oito emissoras no Paraná (NOVAES, 2007, p. 97). Além de todos os elementos que formam a estrutura de um telejornal diário de variedades, o Paraná TV também apresenta entrevistas em estúdio ao vivo. A partir de novembro de 2008, inicialmente em Londrina, pela TV Coroados, e, mais tarde, pelas outras seis emissoras (A TV Paranaense, de Curitiba, já tinha seu conteúdo disponível), o Paraná TV passou a contar com dois blocos destinados à programação local.

Pela TV Tarobá, o Jornal Tarobá 1ª Edição, ou simplesmente Jornal Tarobá, como convém denominá-lo aqui, é exibido em três blocos de segunda-feira a sábado das 12h30 às 13h. Como não é transmitido em rede, o terceiro bloco tem notícias enviadas pela TV Tarobá de Cascavel e sua sucursal em Foz do Iguaçu, mas apresentadas do estúdio de Londrina. Além disso, mantém as mesmas características do programa exibido em Cascavel, inclusive notas cobertas entre o comercial e a vinheta de intervalo.

Paraná TV e Jornal Tarobá na *Web*

Os vídeos do Paraná TV (1ª Edição) são transpostos para a *Web* separadamente. Cada nota ou reportagem é disponibilizada como um arquivo independente. Tomando como exemplo uma reportagem completa, seu vídeo na *Web* contém a cabeça (lida em estúdio), a reportagem propriamente dita e a nota retorno. Vão para o ciberespaço reportagens, notas, entrevistas, boletins, *links* e alguns quadros, mas o telejornal perde alguns elementos comuns à programação da televisão convencional: os intervalos comerciais, as vinhetas interblocos, as escalada, o encerramento. Além disso, o conteúdo exibido em blocos produzidos pelas afiliadas à rede passa a ser gradativamente transposto a partir de novembro de 2008. Até então, somente o conteúdo



exibido pela TV Paranaense (Curitiba), a cabeça de rede, era disponibilizado.

Os vídeos são disponibilizados aproximadamente uma hora depois da apresentação do Paraná TV pela televisão convencional. Logo, não podem ser vistos na *Web* ao mesmo tempo em que são transmitidos pela tevê convencional.

Assim como toda a programação da TV Tarobá, o Jornal Tarobá já foi transmitido ao vivo pelo site da emissora, além do conteúdo disponibilizado em *streaming* sob demanda. As edições do Jornal Tarobá já foram também publicadas na *Web* na íntegra em arquivo de áudio. Hoje, poucas reportagens ou notas cobertas são disponibilizadas, uma ou duas por dia. As reportagens não contêm a cabeça lida em estúdio e comum nas transmissões do telejornal pela televisão.

RPC TV e TV Tarobá: duas maneiras de se fazer *webtelejornalismo*

Embora RPC TV e TV Tarobá possam ser classificadas como *WebTVs* por serem emissoras convencionais disponibilizando conteúdos telejornalísticos na *Web*, a maneira como cada uma utiliza o ciberespaço para a publicação dos seus conteúdos é bastante diferente, mas o público, o mesmo em algumas regiões do Paraná. A constituição de toda a Rede Paranaense de Comunicação enquanto grupo formado por diversos veículos e a auto-denominação de suas páginas de Internet enquanto “portal”, bem como uma equipe dedicada exclusivamente à publicação dos conteúdos e manutenção do portal, sinalizam claramente maior preocupação em utilizar as ferramentas do ciberespaço, comparada à TV Tarobá, que utiliza ferramentas do YouTube para a transposição de seus vídeos.

Navegabilidade, acessibilidade e interatividade são preocupações mais evidentes também na RPC TV, que convida o internauta a participar da programação, enviar vídeos e sugestões de pauta, enquanto a participação do telespectador na TV Tarobá se restringe ao que permite o sistema *broadcasting*, uma interatividade praticamente nula, se comparada às possibilidades da hipermídia. Além disso, se quase todos os vídeos da RPC TV estão disponíveis para *download*, poucas reportagens da TV Tarobá são disponibilizadas, com relação a toda a sua produção regional.

Os cuidados com aspectos visuais da RPC TV também são mais evidentes, com cores mais sóbrias e formas mais limpas, e este cuidado é fundamental. A cor deve ter uma função pré-determinada, assim como a intenção da mensagem como um todo, para



que haja correspondência entre o texto jornalístico e sua composição visual. Caso contrário, põe-se em xeque a própria visão editorial do veículo. “É imperioso, de todo modo, ter-se em conta que a dissonância pode não ser intencional – provocada, por exemplo, por qualquer espécie de erro – ou ser intencional, mas não ser consciente” (GUIMARÃES, 2003, p. 51).

Pondere-se, o jornalismo da RPC está em contato com as técnicas de publicação no ciberespaço há quase 10 anos. A TV Tarobá transmite pela *Web* desde 7 de abril de 2006 (ARLINDO, 2008). Em três anos, portanto, disponibiliza vídeos no ciberespaço com conteúdo local de fato, seja ao vivo, seja *on demand*, embora com muito improviso. Por serem duas emissoras e não propriamente uma rede, o conteúdo local é abordado com mais ênfase. A RPC TV, por outro lado, só agora começou a disponibilizar seus vídeos produzidos regionalmente pelas demais emissoras do grupo. Se as diferenças são evidentes, também é válido ressaltar que a transposição da transmissão convencional para o ciberespaço é parcial em ambas as emissoras e sofre alterações constantemente.

Análise da Pesquisa

Se o vídeo não sofre alterações em sua estrutura quando disponibilizado na *Web*, a maneira como é exibido sofre várias reformulações. Amaral descreve modelos de transmissão que ajudam a compreender modificações decorrentes da transposição de uma mídia para outra.

Quando as emissoras de televisão disponibilizam seus telejornais, seja em fluxo contínuo, seja por módulos de arquivos *on demand*, estão fazendo telejornalismo, independente da forma de emissão (reportagens separadas do todo, ou o todo em fluxo contínuo) e do suporte tecnológico utilizado, ou seja, a *Web*. (AMARAL, 2004, p. 256).

A primeira modificação que fica evidente pela RPC TV, é a quebra de um programa, exibido integralmente e linearmente pela televisão convencional, em vídeos menores para a *Web*. Quebrando a estrutura linear em arquivos que podem ser acessados de acordo com a vontade do webtelespectador, a RPC TV aplica um dos modelos descritos por Amaral, o de *WebTV transpositiva on demand por módulos* (AMARAL,



2004, p. 271), segundo o qual, além de serem repartidos e acessados por meio de manchetes-*links*, não podem ser vistos ao vivo.

Ao ser transposta para o ciberespaço, a TV Tarobá de Londrina também acaba adquirindo muitas características da *Web*. A TV Tarobá pode ser enquadrada em dois modelos descritos por Amaral. Até novembro de 2008, Tarobá transmitia ao vivo pela Internet, inclusive os intervalos comerciais e a programação da Band, rede à qual a Tarobá é afiliada. Este modelo de transmissão, ao vivo é denominado *WebTV transpositiva em fluxo contínuo ao vivo* (AMARAL, 2004, p. 270), ou simplesmente *webcasting* (AMARAL, 2004, p. 268).

Quando a emissora de televisão disponibiliza sua programação, aí incluídos seus telejornais, na rede, em fluxo contínuo ao vivo, não existe nenhum suporte textual que prepare o internauta para o que irá assistir, a não ser as *manchetes-links* que abrem a janela do vídeo. Neste caso a emissora está fazendo o telejornalismo padrão do sistema convencional, *broad* ou *narrowcasting*, e utilizando a Internet como suporte de emissão, como utiliza o satélite, o cabo ou as ondas hertzianas (AMARAL, 2007, p. 7).

Outro modelo de transmissão adotado pela Tarobá, no entanto, é o de *WebTV transpositiva on demand por módulos*, o mesmo utilizado pela RPC TV, ou seja, uma transmissão de vídeos recortados da programação da emissora e disponibilizados não ao vivo, mas para o acesso segundo a vontade do internauta, ou seja, *on demand*.

Durante o período de realização da pesquisa, entre junho de 2008 e junho de 2009, foi possível constatar que, por ser uma rede de comunicação consolidada com diferentes tipos de mídia e com emissoras convencionais em várias regiões do Estado o site da RPC reflete uma disposição maior em utilizar de forma apropriada as possibilidades inerentes ao ciberespaço. A interatividade é incentivada, os vídeos tornam-se arquivos disponíveis com a finalidade que o webtelespectador deseja. Mesmo assim, o telejornal não é transposto para a *Web*, o que são transpostas são as reportagens, ou um (arquivo de vídeo com o) conjunto de reportagens factuais e *features* sobre o mesmo tema, uma peculiaridade do Paraná TV, que costuma abrir assim suas edições.

Já as TVs Tarobá optaram num primeiro momento em veicular toda a programação no ciberespaço, ou seja, além de transmitir seus sinais pela tecnologia televisual convencional, optaram por transmiti-los também pela *Web*, no modelo conceituado por Amaral como *Webtv em fluxo contínuo*. A TV Tarobá já disponibilizou



o áudio de edições completas do Jornal Tarobá em *podcast* e se esforça em buscar alternativas, como a criação de blogs para cada programa com a intenção de justamente utilizá-los para fazer webtelejornalismo, mas, ao acessá-los, os vídeos que deveriam estar disponíveis não existem, como informam os espaços reservados a eles. Hoje, são poucos os vídeos disponibilizados no site da emissora, por meio do YouTube, às vezes com atraso de horas ou dias, o que representa uma grande limitação, se compararmos à produção telejornalística exibida no sistema televisual convencional.

A opção pela colocação das reportagens em arquivos segmentados, não disponibilizando o programa por inteiro, faz com que tanto a RPC quanto a Tarobá adotem o modelo de *webtelejornal semi-transpositivo*, que descaracteriza o telejornal enquanto telejornal. As reportagens são transpositivas, mas o telejornal não, o que quebra sua estrutura linear e, com isso, a prioridade editorial dada a cada reportagem. O webtelespectador pode acessar o conteúdo para rever apenas uma reportagem secundária, mas também pode correr o risco de não encontrar o trecho que deseja, o que era frequente quando a RPC disponibilizava o conteúdo produzido pela TV Paranaense (Curitiba) e não pelas demais afiliadas, e ainda é bastante comum no site da TV Tarobá.

Considerações Finais

Dos pontos de vista social ou tecnológico, existem limitações que vêm sendo paulatinamente superadas, no entanto vale ressaltar que a Internet está longe de ser acessada por todos, ainda mais se considerarmos as características sócio-econômicas de países como Brasil, amplo em termos territoriais e com enormes diferenças culturais. Muitos acessos vêm de *lanhouses*, que cobram pelo tempo de uso. Daí a importância de se utilizar a Internet como arquivo, transpondo e disponibilizando o maior número de reportagens, inclusive para *download*, e quebrando a linearidade, ao transmitir por módulos sob demanda. São fatos que devem ser considerado pelas *WebTVs*, como o faz a RPC TV.

No caso do webtelejornalismo, os vídeos disponibilizados pelas emissoras em suas páginas de Internet perdem a característica linear da tevê, são quebrados e podem ser assistidos na ordem desejada pelo webtelespectador. A interatividade, mesmo ainda limitada, permite ir além da escolha, participar em salas de bate-papo ou enviar mensagens à produção de cada jornal, com sugestões, críticas, comentários. Esse tipo de interatividade é iniciativa comum nas emissoras virtuais.



O processo é gradual e empírico. A Internet popularizou-se apresentando o mundo a si mesmo através do indivíduo. Depois de quebrar as barreiras geográficas, físicas, espaciais, apresenta ao mesmo indivíduo aquilo que está bem próximo dele. O webtelejornalismo regional surge como mais uma opção, vulnerável ao excesso de informações que satura o ciberespaço, mas determinado em cumprir o papel de informar e, quem sabe, também viabilizar a comunicação. É importante que as *WebTVs* prestem atenção nisso, como faz a RPC TV, em partes, viabilizando o acesso às suas reportagens e permitindo ao webtelespectador comentá-las e sugeri-las, ao contrário da TV Tarobá, que mal sustenta um canal de divulgação de notícias alternativo ao que transmite por teledifusão convencional.

Finalmente, é importante ratificar que, ao transpor seu conteúdo, as *WebTVs* estudadas criam bancos de dados, viabilizam novos formatos e novas formas de interação com seus respectivos públicos. Ambas estão experimentando e o mais importante, permitindo-se erros e acertos. Só não devem se acomodar, pois as possibilidades são imensas.

Referências

Com autores

AMARAL, Neusa Maria. *Televisão e telejornalismo do analógico ao virtual*. Tese de doutoramento. São Paulo: USP, 2004.

AMARAL, Neusa Maria. *Televisão e Telejornalismo: modelos virtuais*. Santos: Intercom, 2007.

ARLINDO, Uanderson Luís. Entrevista por e-mail em 03.nov.2008.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. Trad. Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Terra e Paz, 1999. col. A era da informação: economia, sociedade e cultura.

DERRIDA, Jacques. *Mal de Arquivo, Uma impressão freudiana*. Trad. Cláudia Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

FERNANDES JÚNIOR, Renon. *TV Tarobá: a debutante do Oeste*. Trabalho de conclusão de Curso. Londrina: UEL, 1994.



FERREIRA, Verena. *Cibertelejornalismo: a experiência do Jornal do Terra*. Trabalho de Conclusão de Curso. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2006.

GUIMARÃES, Luciano. *As Cores na Mídia: a organização da cor-informação no jornalismo*. São Paulo: Annablume, 2003.

LEÃO, Lúcia. *O labirinto da hipermídia: Arquitetura e navegação no ciberespaço*. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 2001.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

MOHERDAUI, Luciana. *Guia de estilo WEB: produção e edição de notícias on-line*. 3 ed. rev. e ampl. São Paulo: Senac, 2007.

NOVAES, Dulcinéia. *O Perfil do Jornalista na Cibercultura: Desafios do Webjornalismo*. Dissertação de Mestrado. Curitiba: Universidade Tuiuti do Paraná, 2007. Disponível em: «<http://revista.unibrasil.com.br/index.php/retdu/article/viewFile/49/83>» acesso em 30.out.2008.

PINHO, J. B. *Jornalismo na Internet: Planejamento e Produção da Informação On-line*. São Paulo: Summus, 2003.

SANTOS, Rogério Santana. *Cresce o acesso às TICs, mas ainda é grande o desafio de democratizá-las a todos os brasileiros*. In: Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil : TIC Domicílios e TIC Empresas 2008 = Survey on the Use of Information and Communication Technologies in Brazil : ICT Households and ICT Enterprises 2008 / [coordenação executiva e editorial/ executive and editorial coordination, Alexandre F. Barbosa; tradução/ translation Karen Brito]. São Paulo : Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2009. Disponível em: «<http://www.cetic.br/publicacoes/index.htm>» acesso em 23.jun.2009.

TEIXEIRA, Pollyana Ferrari. *Usabilidade e exercício de jornalismo dentro do formato Portal no Brasil*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2002. Disponível em: «<http://www.bocc.ubi.pt/pag/teixeira-pollyana-exercicio-do-jornalismo.pdf>» Acesso em: 30.out.2007.

_____. *Jornalismo Digital*. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

Sem autores

Menos de um quinto das casas brasileiras têm internet, aponta NIC.br. IDG Now!. 2009., «<http://idgnow.uol.com.br/internet/2009/03/26/nic-br-abismo-da-banda-larga-no-brasil-atrasa-inclusao-digital-em-2008>». Acesso em 22.jun.2009.



Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil : TIC Domicílios e TIC Empresas 2008 = Survey on the Use of Information and Communication Technologies in Brazil : ICT Households and ICT Enterprises 2008 / [coordenação executiva e editorial/ executive and editorial coordination, Alexandre F. Barbosa; tradução/ translation Karen Brito]. São Paulo : Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2009. Disponível em: «<http://www.cetic.br/publicacoes/index.htm>». Acesso em 23.jun.2009.

População mundial de internet ultrapassa 1 bilhão de pessoas, diz comScore. IDG NOW!: 2009., «<http://idgnow.uol.com.br/internet/2009/01/23/populacao-mundial-de-internet-ultrapassa-1-bilhao-de-pessoas-diz-comscore>». Acesso em 22.jun.2009.

Velocidade de banda larga do Brasil fica em 38º lugar entre 42 países. IDG Now!: 2008., «<http://idgnow.uol.com.br/telecom/2008/09/15/cisco-velocidade-da-banda-larga-no-brasil-nao-satisfaz-demanda-online/>». Acesso em 14.10.2008.

«<http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=pr>». Acesso em: 30.out.2008.

«<http://londrina.taroba.com.br/news.php?news=1>». Acesso em 20.mai.2008.

«<http://www.rpc.com.br>». Acesso em 20.nov.2008.

«<http://www.rpccorp.com.br/internet.phtml>» Acesso em: 30.out.2008.

«<http://www.rpccorp.com.br/tvs.phtml>». Acesso em: 30.out.2008.

«http://taroba.sercomtel.com.br/cliente/transmissao_online.asp». Acesso em 20.nov.2008.